



Proposição decolonial no contexto de um bairro negro

Thiago Assunção dos Santos

Eduardo Oliveira Miranda

RESUMO

A definição de bairro vai além da concepção geográfica clássica de uma paisagem urbana e em qual contexto socioeconômico se insere, tem um fator relevante no qual aborda os aspectos histórico-sociais existentes, esse destaque se reflete aos bairros negros que possuem em seu fundamento evidências históricas, as relações espaciais e de vizinhança e as manifestações culturais, tendo os seus moradores como agentes de transformação do espaço através das africanidades resistentes na diáspora brasileira. Nesse sentido, ao realizar uma contextualização histórica do bairro Rua Nova em Feira de Santana-Bahia por meio de artigos científicos encontrados na plataforma de busca dos trabalhos acadêmicos como: periódico Capes, Scielo, e Google Acadêmico foi possível apontar possíveis características do qual a Rua Nova se inscreve como um bairro negro. Neste sentido, o artigo se insere nos estudos decoloniais sobre os aspectos das negritudes em espaços urbanos.

Palavras-chave: Bairro Negro, Decolonialidade, Negritudes.

PROPOSICIÓN DESCOLONIAL EN EL CONTEXTO DE UN BARRIO NEGRO

RESUMEN

La definición de barrio va más allá de la concepción geográfica clásica de un paisaje urbano y en qué contexto socioeconómico se inserta, tiene un factor relevante en el que aborda los aspectos históricos y sociales existentes, este énfasis se refleja en los barrios negros que tienen evidencia histórica. en su fundamento., relaciones espaciales, de vecindad y manifestaciones culturales, con sus residentes como agentes de transformación espacial a través de africanidades resistentes en la diáspora brasileña. En este sentido, al realizar una contextualización histórica del barrio Rua Nova en Feira de Santana-Bahia a través de artículos científicos encontrados en la plataforma de búsqueda de trabajos académicos como Capes, Scielo y Google Academic, fue posible señalar posibles características de que Rua Nova se registra como un barrio negro. En este sentido, el artículo forma parte de estudios descoloniales sobre aspectos de la negritud en los espacios urbanos.

Palabras-clave: Barrio Negro, Descolonialidad, Negritudes.

INTRODUÇÃO

*Povoada
Quem falou que eu ando só?
Nessa terra, nesse chão de meu Deus
Sou uma, mas não sou só¹*

Povoada, Povoado, porção de terra constituída, alimentada, circunscrita de gente, por gente, pelos grupos sociais, mas que também precisam ser racializadas desde as suas origens, perpassando pelas lentes das ciências que decidem torna-las fenômenos de investigação científica.

Povoar, tomar de posse ou legitimar quem chegou primeiro, tem sido o grande desafio para se pensar os territórios advindos pós-colonização e invenção da América Latina. Se debruçar sobre qualquer porção de terra em Abya Yala² é ter a dimensão que estamos envoltos por relações de poder que se delinearam com a chegada das primeiras caravelas portuguesas, logo em seguida com os militares espanhóis com a sede de dominar, se apropriar, destruir e promover a constituição de um continente que espelhasse o marco civilizatório eurocêntrico, onde “(...) a Europa pode produzir as ciências humanas como modelo único, universal e objetivo na produção de conhecimentos, além de deserdar todas as epistemologias da periferia do ocidente” (OLIVEIRA, CANDAU, 2010, p. 17).

Neste cenário em disputas, traçamos esta produção textual como um aporte de diálogos acerca do impacto das colonialidades do poder sobre a leitura semiótica das cidades, bem como, as articulações materiais e simbólicas hegemônicas que são suplantadas como as únicas tecnologias possíveis para compreender os espaços urbanos.

A nossa escolha em sulear³ os estudos urbanos por um caminho decolonial nos fez ampliar a concepção crítica sobre as territorialidades dos centros urbanos e suas inferências não universalistas, ao ponto de ampliar as discussões por aspectos dos

¹ Trecho da música “Povoada” de autoria de Sued Nunes (2021).

² “Abya Yala na língua do povo Kuna significa “Terra madura”, “Terra Viva” ou “Terra em florescimento” e é sinônimo de América”. Disponível em: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/abya-yala>

³ Aqui adotaremos a expressão sulear como dispositivo de reposicionar o aporte teórico-metodológico de produção do conhecimento nas universidades. A decolonialidade exige um giro epistêmico que troque os norteamentos por veios das epistemologias do sul.

marcadores raciais, os quais reverberam na constituição dos territórios. Sobre a categoria território, recorremos a Muniz Sodré (2003, p. 23):

Território é, assim, o lugar marcado de um jogo, que se entende em sentido amplo como a protoforma de toda e qualquer cultura: sistema de regras de movimentação humana de um grupo, horizonte de relacionamento com o real. Articulando mobilidade e regras na base de um “fazer de conta”, de um artifício fundador que se repete, o jogo aparece como a perspectiva ordenada de ligação entre o homem e o mundo, capaz de combinar as ideias de limites, de liberdade e de invenção.

Sobre o jogo apresentado por Sodré, optamos em evidenciar nesse texto o campo das negritudes, mas sem negligenciar que todo campo de disputa é marcado por polos, sendo a Branquitude o outro campo de poder. Contudo, se território tem sua construção em tensionamentos, então, ao se enfatizar o território das populações negras verificamos “simbologias, mitos, imaginários, signos que nem sempre reforçam as configurações impostas pelo Estado, ou em escala menor, o poder municipal” (MIRANDA, 2018, p. 120).

Com isso, uma escrita que se assume contra hegemônica precisa propor um giro decolonial, sobretudo, no que tange aos impactos das colonialidades na constituição das cidades, bairros, lugares, espaços geográficos. Para ampliar a discussão, recorremos aos escritos de Quijano (2007, p. 3) ao elucidar que a colonialidade se forja no “padrão mundial do poder capitalista. Se funda na imposição de uma classificação racial/étnica da população mundial como pedra angular deste padrão de poder”. Problematizar o poder hegemônico, aqui atrelado aos estudos sobre bairros negros, significa a contribuição para um campo de investigação com ênfase na periferia da produção científica.

Evidenciado nosso lugar científico que visa uma universidade antirracista e aberta para a diferença é que entregamos este artigo como um substrato contributivo para a área acadêmica que olhe para as cidades e busquem romper os silenciamentos e negligências com os valores civilizatórios existentes em qualquer espaço urbano brasileiro.

Sendo assim, o texto traz uma seção que apresenta a conceituação de Bairro Negro e em seguida a sua contextualização teórica com a i-materialidade do bairro negro Rua Nova, localizado no município de Feira de Santana, Bahia. Se ater aos estudos das negritudes é saber que estamos a povoar o espaço acadêmicos que também é nosso e ao

mesmo tempo explicar que não andamos sozinhos, pois somos feitos de coletividades que povoam as concretudes, bem como, imaginários.

BAIRROS NEGROS

Nos diversos campos de estudos, dentre eles a Geografia, as discussões em geral se baseiam sobre espaço, paisagem, território e lugar. Logo, para essa produção textual é relevante atentar para as considerações a respeito desse último, pois tem relação com o tema que conduzirá nessa discussão, uma vez que o conceito de lugar trata de uma área onde seus residentes possuem suas próprias referências e com elevado grau de importância dentro do seu contexto, levando em conta seus valores sociais, e sua relação com a dimensão cultural e de identidade, sendo que quando se inclui a população negra nesse lugar, as pessoas trazem consigo uma história comum a um determinado lugar (SOUZA; CUNHA JUNIOR; SILVA, 2019).

Nesse sentido, o que Souza, Cunha Júnior e Silva (2019) apresenta tem enorme potencial ao que é conhecido como bairro. Portanto, existem inúmeras definições de bairro, tendo em vista os diversos enfoques metodológicos com recortes morfológico-espaciais, político-administrativos e histórico-sociais.

Dada a complexidade do conceito de bairro, Santos *et al.* (2010) sugerem uma síntese que revela muito bem o que é um bairro, baseado na dimensão teórico-conceitual:

Unidade territorial, com densidade histórica e relativa autonomia no contexto urbano-ambiental, que incorpora as noções de identidade e pertencimento dos moradores que o constituem; que utilizam os mesmos equipamentos e serviços comunitários; que mantém relações de vizinhança e que reconhece seus limites pelo mesmo nome (SANTOS *et al.*, 2010, p.8).

Diante dessa definição, percebe-se que o significado de bairro vai além da concepção geográfica clássica de uma paisagem urbana com traçados das ruas, tipologia das construções, de qual a atividade que se exerce (residencial, comercial e industrial) e qual o padrão de vida de sua população.

O bairro tem um fator relevante em sua concepção quando se aborda os aspectos histórico-sociais existentes, mediante o que, vê-se a diversidade das formas de construir o urbano. Vale destacar que a história social, política, econômica e cultural brasileira

criaram espaços geográficos de desigualdade onde se concentram populações de maioria negra, com descendência africana e com valores civilizatórios africanos em diáspora. Esse destaque se reflete aos bairros negros, também conhecidos por favela, bairros populares, comunidade, periferia e subúrbios, esses possuem em seu fundamento evidências históricas, as relações espaciais e de vizinhança e as manifestações culturais, tendo os seus moradores como agentes de transformação do espaço.

Dado a relevância do bairro e as particularidades intrínsecas, uma vez que são constituídos majoritariamente por pessoas negras, Cunha Júnior (2017), chegou à definição de que Bairros Negros são áreas com grande contingente de pretos e pardos em vulnerabilidade social e econômica e com potenciais desigualdades constatadas a essa população, além disso, existem aspectos importantes do universo social e cultural.

Ramos (2010) complementa ao destacar os fatores e valores socioculturais que representam uma autonomia criativa da construção coletiva dos bairros negros, constituída pela conduta e comportamentos através das africanidades resistentes na diáspora africana, sendo historicamente consolidados em contínua acumulação de experiências comuns, refletidos por elementos históricos e culturais constatados por identificação ao território, simbolismos e significados, onde essa forma urbana e produção do espaço urbano são percebidas como forma de resistência política, social e econômica.

Esses espaços são encontrados em grande número nas cidades brasileiras que fogem do perfil ideal do urbano, que escapam de uma relação com projetos formais e de representação comum por uma prática universal.

Nesse sentido, Cunha Júnior (2015) convida a refletir como o padrão de urbanização brasileiro teve sua fundamentação limitada ao exame da tradição eurocêntrica, em que formalizou o conceito de padrão periférico que contempla o loteamento ilegal, a autoconstrução e os distantes conjuntos habitacionais desprovidos de espaços públicos e equipamentos coletivos, bem como expôs o conceito de cidade informal que se traduz em um lugar sem tecnologia, sem planejamento, sem ordenamento urbano e investimento público significativo, enquanto a cidade formal se apresenta como lugar onde os serviços públicos são melhores acessados, onde se vê a aplicação das tecnologias e a execução de projetos urbanísticos.

Ademais, a história do Brasil revela que as políticas engendradas para os espaços urbanos eram contrárias aos interesses dos povos negros (MARICATO, 2002; CHALHOUB, 1996). As políticas urbanas de distribuição de terra e a retenção de terras do Estado brasileiro foram desfavoráveis a essas populações, em muitos aspectos favoráveis às populações euro descendentes, criando um aumento na desigualdade social. Um exemplo disso é a política eugênica, que removeu as populações africanas e seus descendentes dos centros urbanos, o que resultou na instalação destas populações em áreas periféricas distantes das políticas urbanísticas (MARICATO, 2002; RAMOS, 2010, 2013).

No Brasil Império, as populações negras eram culpabilizadas por todos os problemas relacionados com atraso econômico e questões urbanas, e, além disso, os problemas na área da saúde foram motivos para a realização de reformas sanitárias nas cidades. Com isso, tem-se que o País estabeleceu mecanismos do racismo ao estigmatizar as populações negras às situações precárias de salubridade e econômicas. O ano é 2021, e permanece a ideia de inferioridade dos negros, como se esta inferioridade social, econômica e política que a população negra é submetida negasse o resultado do passado escravista e do racismo no presente (MARICATO, 1995, 2002; SEYFERTH, 1996).

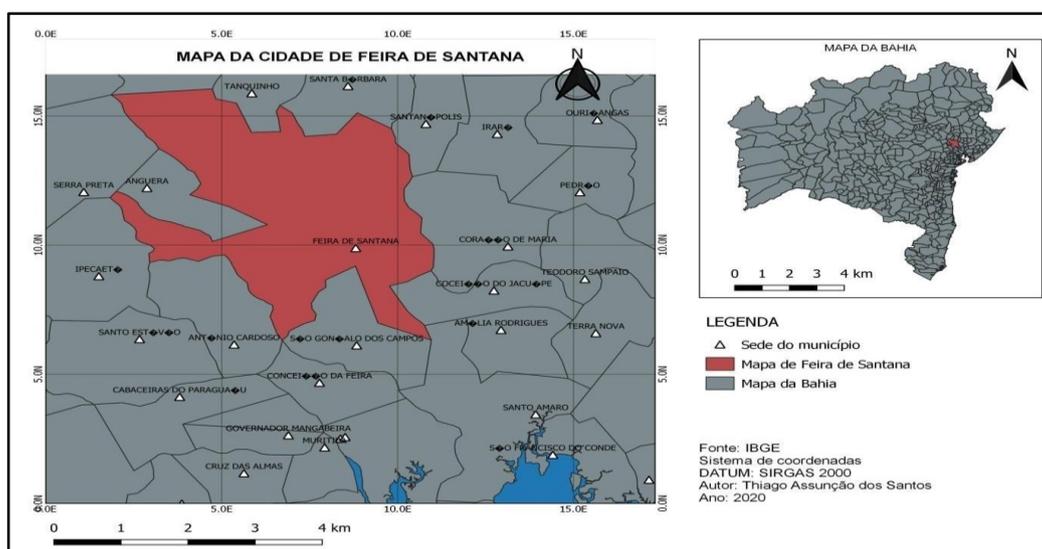
As localidades de maioria negra existentes nas cidades brasileiras caracterizam-se por áreas sem serviços públicos essenciais ou deficiente prestação desses serviços. Politicamente é uma estratégia de relegar aos territórios negros o acesso às políticas públicas, de modo a enfraquecer a consciência política de seus moradores para lutar pelos direitos ao espaço urbano digno e aos seus territórios construídos socialmente (RAMOS, 2007).

Para tanto, as diversidades culturais ligadas ao bairro negro podem ser entendidas a partir da consideração realizada por Gomes (2003, p. 79): “(...) diz respeito à consciência cultural, à estética, à corporeidade, à musicalidade, à religiosidade, à vivência da negritude, marcadas por um processo de africanidade e recriação cultural.” Nesse sentido, as populações negras possuem fortes ligações com as memórias, identidades coletivas dos grupos sociais e têm como referência a ancestralidade.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO BAIRRO RUA NOVA

A cidade de Feira de Santana é a segunda maior cidade do estado da Bahia (Figura 1), com população estimada em 609.913 habitantes (IBGE, 2018). Tem uma área de 1.344km², sua densidade demográfica é de 416 habitantes por km². Situa-se a 108km de distância de Salvador, a capital do estado, e possui localização estratégica, compreendendo um dos principais centros rodoviários do País, cortada pelas BR 101, BR 116 e BR 324, que ligam a região Sul, Sudeste e Centro-Oeste do País ao Norte e Nordeste. Além disso, comporta um anel rodoviário que funciona como um entroncamento para o interior do estado da Bahia e para toda a região Nordeste (SANTO, 2012).

Figura 1 - Mapa de localização do município de Feira de Santana-Bahia



Fonte: Autoria própria, 2020.

Feira de Santana está situada na região de transição do litoral úmido e o Semiárido nordestino, sendo por isso conhecida como o Portal do Sertão. Apresenta uma pluviosidade média anual de 837,33mm, sendo que 60% desse fenômeno ocorrem no período entre março e agosto. Sua história está diretamente ligada à água, pela presença de inúmeras nascentes e cursos hídricos. Para se ter ideia, o Município está localizado em parte de três bacias hidrográficas (dos rios Jacuípe, Pojuca e Subaé), o que foi essencial para sua fundação, especialmente por ser uma região do Semiárido (CARELLI, 2011).

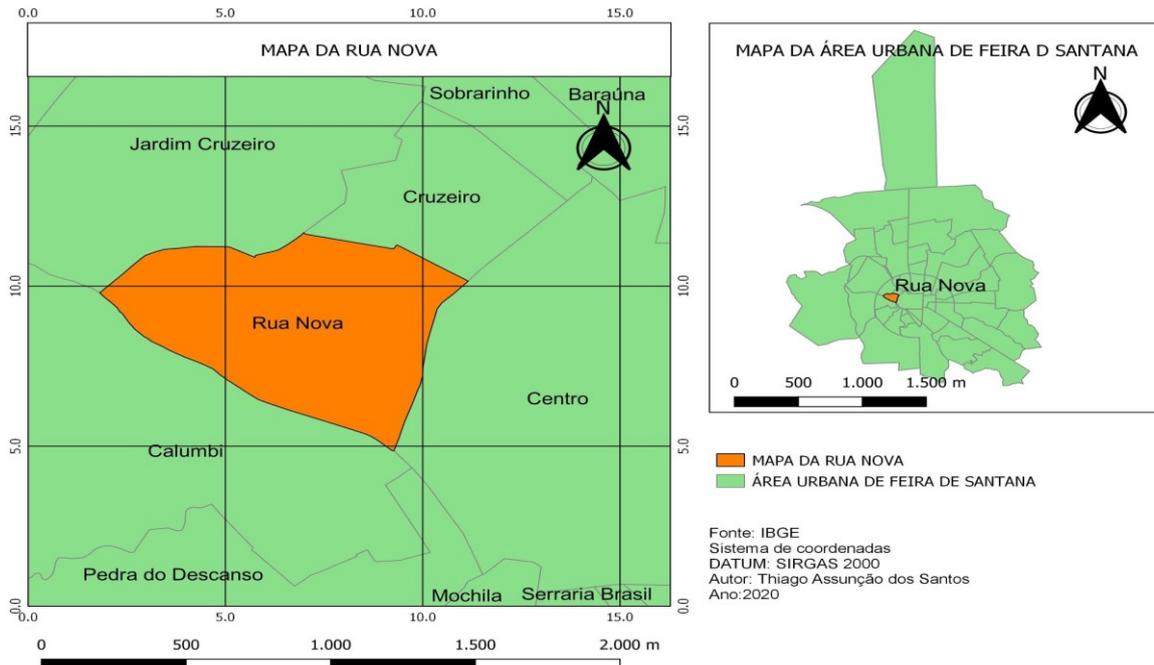
De acordo com dados históricos de Feira de Santana, sua origem deu-se no século XVIII, depois que os donos da fazenda Santana dos Olhos D'água, o casal português Domingos Barbosa e Ana Brandoa construíram uma capela a Senhora Santana e São Domingos. Ao redor foram construídas as primeiras senzalas. Esse local era o ponto de encontro das tropas e dos viajantes para descanso, bem como chegadas e partidas que tinham como destino o Porto em Cachoeira ou o comércio de gado em Salvador e Santo Amaro (ARAÚJO; ARAÚJO, 2016).

Como toda história de criação de um município que se dá pela oferta e abundância dos recursos hídricos, Feira de Santana não foi diferente, pois a terra proporcionava grandes oportunidades para plantar e criar gado. Assim, o povoado começou a desenvolver-se, e de um comércio incipiente originou-se a feira livre, no qual houve o aumento de pessoas que se fixaram nesse lugar pelas questões comerciais, por conseguinte econômicas que beneficiavam o local, sendo que com isso demandou-se um processo de urbanização (SANTO, 2003).

A maior parte desse processo recebeu contribuição a partir do êxodo pelos povos escravizados em busca de terras para trabalhar e terem sua liberdade. Segundo Pinheiro (2015), Feira de Santana foi o local que oferecia a população negra egressa da escravidão, a liberdade ao viabilizar seus interesses pessoais, de ter uma terra para realizar suas atividades rurais, das quais podiam produzir seu próprio alimento para consumir, e o excedente para comercializar, o que acarretou para a região transformações culturais e econômicas.

Nesse sentido, apresentamos a área de estudo desse artigo que está localizada na cidade de Feira de Santana-Bahia (Figura 2). O local definido para desenvolvimento dessa pesquisa foi o bairro Rua Nova, identificado a partir do conceito utilizado pelos pesquisadores Ramos (2007) e Henrique Cunha Júnior (2017). Segundo esses autores, os territórios além de ter maior contingente de pessoas afrodescendentes, devem possuir, em sua construção, um processo histórico de relações sociais, culturais, manifestações religiosas de matriz africana, dentre outros.

Figura 2 - Mapa da área de estudo, bairro Rua Nova, Feira de Santana-Bahia



Fonte: Autoria própria (2020).

Diante do exposto por Cunha Júnior e Ramos, o bairro Rua Nova apresenta características suficientes para se constituir no lócus da pesquisa, principalmente porque é um bairro majoritariamente negro, culturalmente conhecido pelos grupos de Afoxés que tradicionalmente desfilam na micareta (festa momesca) da cidade; pela existência dos terreiros das religiões de matriz africana que referencia o legado africano; como também por ser parte de processos históricos ocorridos em Feira de Santana.

Debater a realidade de um bairro constituído pela população negra dá a oportunidade de refletir sobre um território orgânico, com realidades desiguais e sob um ideário hegemônico de Cidade.

Falar do bairro Rua Nova é descrever aqui as narrativas feitas pelos moradores, pois há poucos trabalhos acadêmicos publicados sobre a sua história de criação, crescimento e desenvolvimento (PINHO, 2010).

O bairro Rua Nova vai surgir a partir do momento que ocorre às migrações de viajantes/comerciantes oriundos do Recôncavo, da região Norte do sertão, do médio São Francisco, fazendo esse movimento de ida e volta porque Feira de Santana já se mostrava

um lugar ideal para comércio de mercadorias, sendo a feira a base de sua economia (SANTO, 2003).

Para além da importância econômico-financeira, a cidade também se destaca pela disponibilidade de águas doces, seja pela existência de afluentes de grandes rios que circundam seu território, seja pelas diversas lagoas, bem como a facilidade de encontrar água subterrânea. Nessa conjuntura, as pessoas passaram a se fixar na região e, nesse sentido, a necessidade de terra para construção de residências se fez presente (SANTO, 2003).

Então, segundo Jesus (2013), surge Enerstina Carneiro Ferreira de Almeida, conhecida e carinhosamente apelidada por Dona Pomba. Nascida e criada em Feira de Santana, sua generosidade ajudou muitas pessoas e contribuiu para a formação do bairro Rua Nova, pois foi herdeira de uma grande área de terra, residia na própria sede da Fazenda São Gonçalo, que ficava a 2 km de distância da área comercial da cidade e, sem filhos herdeiros, resolveu fazer lotes e distribuir terrenos a quem a procurava. Segundo os moradores mais antigos, Dona Pomba oferecia áreas do terreno por aforamento e muitos outros foram doados, principalmente para pessoa sem renda que vinha para a cidade e precisava de um local para morar.

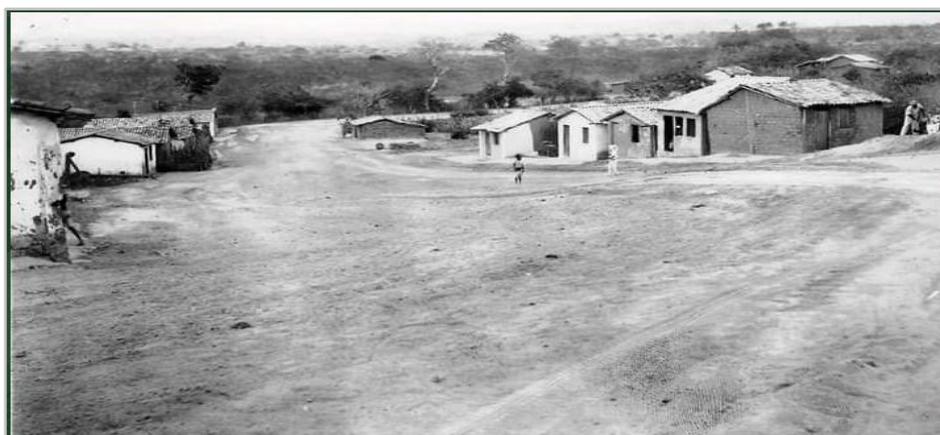
O nome do bairro Rua Nova, segundo moradores, vem da criação de um caminho que cortava a fazenda de Dona Pomba, que era usado para levar a boiada para o matadouro. A partir desse caminho eram criadas novas ruas no qual cada grupo familiar se instalava naquele espaço.

O fenômeno das migrações de pessoas oriundas de cidades menores e da zona rural acontecia mediante a busca por melhores condições de vida na cidade de Feira de Santana. Essa busca se deu porque Feira de Santana foi conhecida como a “cidade comercial por excelência” e a “terra da promessa”. Assim, o bairro de Rua Nova surge sem projeto de ordem estatal, mas de forma espontânea e desordenada como os demais bairros periféricos (PINHO, 2010).

No trabalho desenvolvido por Pinho (2010), a autora aborda como o bairro Rua Nova era visto como lugar “informal”, já que a produção do espaço ocorreu de modo espontâneo e aleatório. As pessoas construíam suas casas diante de muitos esforços, pois

não tinham muitos recursos, eram moradias precárias feitas de taipa⁴, construídas pela própria família (Figura 3), sem infraestrutura adequada, para comportar um numeroso núcleo familiar. A pobreza era latente e muitos eram os problemas vividos, como a falta de luz, de saneamento básico, ou seja, de abastecimento de água, esgotamento sanitário e coleta de resíduos sólidos e, assim, era criado o estigma da marginalização, que resultaria em exclusão social.

Figura 3 - Casas construídas em tipo taipa, Rua Calumbi atual Av. Tomé de Souza, bairro Rua Nova, Feira de Santana-Bahia, (entre 1960 e 1980)



Fonte: Memorial de Feira⁵ (2020).

Apesar de já haver existência de famílias morando nas terras de Dona Pomba em 1950, foi entre os anos 1960 e 1980 que de fato o local se tornou um bairro residencial, constituído de trabalhadores negros e trabalhadoras negras. Entretanto, a infraestrutura de saneamento básico, de iluminação, de educação, de saúde e segurança tardou a chegar ao Bairro. A Amorun (Associação de Moradores da Rua Nova) teve um papel fundamental na luta pelos direitos civis e sociais da população do bairro Rua Nova, porque havia um descaso do poder público frente à necessidade daquelas famílias. Nos anos iniciais da ditadura militar, a Associação encerrou suas atividades, sendo reaberta em 1968, com isso conseguiram assistência médica, por meio de atendimentos, sem custos, pelos médicos da medicina preventiva, e eram realizados na sede da Amorun, houve também exigências

⁴ Taipa é um método construtivo vernacular que consiste no uso de barro e da madeira com finalidade de criar moradias.

⁵ Foto sem informações sobre a autoria e ano em que foi feito o registro.

por infraestrutura de saneamento básico em que este resultou em um marco na história das reivindicações da Associação.

Entretanto, a Rua Nova, enquanto periferia, se mostra também como lugar de resistência, de empoderamento de homens e mulheres que colocam em prática seus saberes ancestrais, como a musicalidade, a culinária, a prática religiosa, e buscam a preservação das manifestações culturais da cultura negra e, assim, surge o Afoxé Pomba de Malê, no âmbito da Amorum, que desde o seu surgimento demarcou onde nasceu o grupo, em seu nome faz menção à Dona Pomba e, também, à Revolta dos Malês, bem como o projeto educacional Atiba⁶.

Essa realidade da Rua Nova aqui apresentada revela que o lugar da cultura e de suas relações, o lazer não são de base euro-americana, visto como hegemônica, mas, sim, o bairro negro, sobretudo Rua Nova é o lugar onde se processa a cultura de base africana, onde a alegria, o prazer, a satisfação são meios de troca, de afetividade com as energias da vida, a força da energia vital, está consolidado na cosmovisão africana.

CONCLUSÕES

Para concluirmos, percebemos que chegamos ao objetivo da pesquisa sobre o bairro negro, para reconhecer o bairro Rua Nova, inserido nesse conceito, no qual, a partir desse trabalho será possível promover contribuições para políticas públicas, políticas urbanas, levando em consideração a diversidade das áreas urbanas, sobretudo realizar o rompimento de paradigmas tecnológico-científico universalista baseado na concepção eurocêntrica, em que possibilite se ater a demanda e propor soluções e as realizações sejam aplicadas a partir da realidade do grupo social, nesse caso, a população negra na sua especificidade étnica afrodescendente.

REFERÊNCIAS

⁶ Projeto Político e Pedagógico cuja existência pautou-se em alfabetizar jovens e adultos para conseguir finalizar a educação básica e se inserir com maior implicação no mercado de trabalho. Atiba é uma palavra de origem Yorubá que significa Conhecimento.

ARAÚJO, T. M. de; ARAÚJO, E. M. **Análise de problemas sociais e de saúde: contribuições no campo da saúde coletiva.** Feira de Santana: Editora UEFS, 2016.

CARELLI, L. **Modelagem da qualidade da água da bacia Olhos D'água em Feira de Santana – BA: geoprocessamento aplicado à análise de impactos ambientais.** 2011. 133 f. Dissertação (Mestrado em Modelagem em Ciências da Terra e do Ambiente) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2011.

CHALHOUB, S. **Cidade febril: cortiço, epidemias e na corte imperial.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CUNHA JÚNIOR, H. A arte tecnologia africana no tempo do escravismo criminoso. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 166, v. ano. XIV, março de 2015. p. 104-111.

_____. **Bairros negros: epistemologia dos currículos e práticas pedagógicas.** Colóquio Currículo, 2017. III Colóquio Luso-afrobrasileiro de questões curriculares educação, formação e criouldade. UniCV – Cidade da Praia, Cabo Verde, jul. 2017.

GOMES, N. L. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação.** Rio de Janeiro: n. 23, p. 75-85, Mai/Jun/Jul/Ago, 2003.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE Cidades - Panorama.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/feira-de-santana/panorama> . Acessado em: set. de 2021.

JESUS, M. P. S. **Educação e Relações Raciais: um olhar sobre a educação de jovens e adultos no bairro Rua Nova na cidade de Feira de Santana.** 2013. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

MARICATO, E. MetrÓpole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência. In: GONÇALVES. M. F. (Org). **O novo Brasil.** 1 ed. Porto Alegre. Editora Mercado Aberto, p. 261-289, 1995.

MARICATO, E. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias: planejamento urbano no Brasil. In: **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos.** ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. (Orgs.). Petrópolis: Vozes, 2002, p.121 - 192.

MIRANDA, Eduardo O. Experiências do corpo-território: possibilidades afro-brasileiras para a Geografia Cultural. **Élisée - Revista De Geografia Da UEG**, 6(2), 116-128, 2018. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/6621>

OLIVEIRA, L. F.; CANDAU, V. M. F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15-40, 2010.

PINHEIRO, C. A. **O trânsito de escravos na região de Feira de Santana de 1870 a 1910**. X Encontro Regional Nordeste de História Oral. História oral, educação e mídias. p. 1-10. Salvador-BA, 2015. Disponível em: http://www.sul2013.historiaoral.org.br/resources/anais/11/1437230396_ARQUIVO_AR TIGOREVISADOPORRFAVERSAOFINALSIMPOSIO.pdf. Acesso em: 22 ago. 2021.

PINHO, D. K. S. **Êta Rua Nova dos diabos! Representações sobre um bairro pobre na cidade de Feira de Santana. (1970-1980)**. 2010. 83f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2010.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificacion social. *In*: CASTRO-GOMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (org.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistemica mas alla del capitalismo global**. Bogota: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, 2007. p. 93-126.

RAMOS, M. E. Origem da segregação espacial da população afrodescendente em cidades brasileiras. *In*: **Espaço urbano e afrodescendência: estudo da espacialidade negra urbana para o debate das políticas públicas**. CUNHA JUNIOR, H.; RAMOS, M.E.R. (Org.). Fortaleza: Edições UFC, 2007. p. 97 – 120.

_____. Contextos da construção da territorialidade negra em áreas urbanas. **Revista África e Africanidades**, Ano. 3, n. 9, mai. 2010.

_____. **Bairros negros: uma lacuna nos estudos urbanísticos**. Um estudo empírico-conceitual no bairro Engenho Velho da Federação, Salvador-BA. 2013. 283 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SANTO, S., M. O desenvolvimento urbano em Feira de Santana (BA). **Stientibus**. Feira de Santana, n. 28, p. 9-20, jan./jun. 2003.

SANTOS, E.; PINHO, J. A. G.; MORAES, L. R. S.; FISHER, T. **Caminho das águas em Salvador**. Bacias hidrográficas, bairros e fontes. Salvador: UFBA/CIAGS; SEMA, 2010.

SEYFERTH, G. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In: **Raça, Ciência e Sociedade**. MAIO, M. C.; SANTOS, V. S. (Ogs.). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/CCBB, 1996, 252p.

SODRE, M. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Petropolis: Vozes, 2003.

SOUZA; CUNHA JUNIOR; SILVA, A população negra na construção do território do Vale do rio Carangola. **Revista Transformar**, v. 13, n. 1, jan/jul, 2019. p. 268-284.

Thiago Assunção dos Santos

Universidade Federal da Bahia (UFBA). Engenheiro Ambiental e Sanitarista, especialista em Gestão de Recursos Hídricos, Ambientais e Energéticos/UNILAB, mestre em Meio Ambiente, Águas e Saneamento/UFBA. Área de atuação saneamento básico com discussão sobre o Direito Humano à Água e ao Esgotamento Sanitário na perspectiva de raça e etnia.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4150-3005>

Email: thiago.ambientalista@gmail.com

Eduardo Oliveira Miranda

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS no Departamento de Educação. Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia e Licenciado em Geografia pela UEFS. Coordenador do Grupo de Pesquisa Corpo-território, Educação e Decolonialidade.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5836-4761>

Email: eduardomiranda48@gmail.com

Artigo recebido em 22/10/2021 e aceito em 09/08/2022